

## Questão de Ser<sup>1</sup>

Daywangles NASCIMENTO<sup>2</sup>

Isabel Maia GAMEIRO<sup>3</sup>

Marcela de Albuquerque Maranhão CRUZ<sup>4</sup>

Mariana Gueiros REMÍGIO<sup>5</sup>

Ana Maria da Conceição VELOSO<sup>6</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

## RESUMO

Transgeneridade é a condição pessoal onde a expressão ou a identidade de gênero do indivíduo difere daquela atribuída socialmente ao seu sexo biológico. Na radioreportagem Questão de Ser, o tema é problematizado na multiplicidade de seus significados, assim como os resultados de seus desdobramentos no âmbito individual, social e psicológico. A reportagem é uma produção laboratorial realizada como projeto final da disciplina de Técnica de Entrevista e Reportagem II, no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero; rádio; reportagem; transgeneridade; preconceito.

## INTRODUÇÃO

O sistema binário de gênero, ainda adotado majoritariamente pela sociedade, existe por sua fácil categorização e com o propósito principal de rotulação humana. Ao nascer, o indivíduo é encaixado, de acordo com sua genitália, no papel de homem ou mulher, e é esperado que ele viva em função deste. Para estes papéis interpretados por homens e mulheres, damos o nome de identidade de gênero, uma construção social à qual todos estão submetidos. Mas a toda regra, suas exceções, e no caso da identidade de gênero normativa, a transegeneridade, também conhecida como neurodiscordância de gênero, chega para quebrar paradigmas e rever os moldes sociais.

---

<sup>1</sup>Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção laboratorial em audiojornalismo e radiojornalismo.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo estudante do 7º período do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: [daywvilar04@gmail.com](mailto:daywvilar04@gmail.com).

<sup>3</sup> Estudante do 7º período do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: [isabelmaiaamoura@gmail.com](mailto:isabelmaiaamoura@gmail.com).

<sup>4</sup> Estudante do 7º período do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: [marcelaamc22@gmail.com](mailto:marcelaamc22@gmail.com).

<sup>5</sup> Estudante do 7º período do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: [marigueiros@hotmail.com](mailto:marigueiros@hotmail.com).

<sup>6</sup> Orientadora do projeto. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: [anavelosoufpe@gmail.com](mailto:anavelosoufpe@gmail.com).

A palavra transgênero tem sua raiz no latim, podendo ser traduzida literalmente como "através do gênero". Em outros termos, "acontece a transgeneridade quando a identidade de gênero, que as pessoas sentem ter, discorda do que aparenta sua conformação biológica, como meninos ou meninas" (MODESTO, 2013). Atualmente, a terminologia é utilizada como termo guarda-chuva e abriga dentro de seu significado, por exemplo, travestis e transexuais, que fogem do papel social de gênero.

Em uma sociedade machista e patriarcalista, como a que vivemos, estas pessoas são, por muitas vezes, vistas com estranheza, fazendo parte de um grupo ainda extremamente marginalizado, que é deslegitimado e atacado diariamente. O discurso de ódio e a intolerância à diversidade sexual e às variações de gênero, infelizmente fazem parte da vida diária desses indivíduos.

Partindo de tamanha complexidade, a reportagem buscou, acima de tudo, desmistificar a transgeneridade como algo obscuro e condenável, procurando diferentes interpretações a respeito da situação vivida pelas pessoas transgêneras e sensibilizando com informação para a desconstrução do olhar preconceituoso. O produto contou com a participação da estudante universitária transexual Ana Gisele, o psicólogo e pesquisador do Laboratório de Estudos de Sexualidade Humana da Universidade Federal de Pernambuco, Felipe Rios, e Soraya Barreto, pesquisadora e professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco.

## **OBJETIVO**

A reportagem proposta faz parte do projeto final da disciplina de Técnica de Entrevista e Reportagem II, da graduação em Jornalismo da UFPE. Desta forma, seu objetivo-geral é exercitar a produção da reportagem radiofônica, por meio da aplicação de técnicas de produção, entrevista e narração.

Também é de interesse da disciplina estimular o pensamento crítico e o debate de temas de interesse público. Nesta perspectiva, a reportagem buscou trazer esclarecimentos acerca da transgeneridade, com a explicação de questões tabu que ainda carregam consigo o receio e a confusão que regem a sociedade no que diz respeito a gênero e sexualidade.

## **JUSTIFICATIVA**

Nos últimos anos, as questões envolvendo gênero e sexualidade têm ganhado espaço nas pautas do jornalismo. Porém, os mais novos estudos sobre gêneros não-normativos

ainda são pouco abordados dentro de veículos tradicionais como o rádio e a televisão. Por falta de tempo e interesse da grande mídia para a produção e abordagem desses temas. O material produzido, vez ou outra, reproduz um discurso excludente e com terminologias preconceituosas. Abordar gênero e sexualidade no contexto atual requer intensa pesquisa e reformulação de valores sociais até então tidos como “normais”. Por esse motivo, e muitos outros, temas pertinentes como esse são postos de lado. As reportagens do cotidiano acabam recorrendo ao senso comum ao tratar destas questões. E não só as reportagens do dia a dia, mas também muitas reportagens especiais são feitas sem a preocupação em se atualizar sobre os estudos em gênero e sexualidade.

O que mais inquietou a nossa equipe foi justamente o fato de encontrar com frequência, em reportagens de veículos tradicionais, uma linguagem carregada de preconceito e, até mesmo, recortes do tema que reproduzem padrões conservadores, binaristas e cissexistas como o “normal”. Como resultado, o que se vê comumente são produções que acabam colocando os personagens transgêneros, transexuais e travestis dentro de estereótipos.

A possibilidade, e o estímulo do ambiente acadêmico, em cumprir a função social do jornalista e mostrar temas de interesse público fez a equipe optar pelo esclarecimento e a sensibilização acerca da transgeneridade. “Questão de ser” foi formatada como reportagem especial e tem três blocos que dinamizam os múltiplos olhares sobre o tema. Da visão social de uma pesquisadora acadêmica acerca da percepção das pessoas trans na sociedade até a voz de uma delas, percorremos o contexto do gênero jornalístico completando lacunas essenciais para a compreensão e sensibilização do tema.

## MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Classificado como o segundo meio de comunicação mais utilizado pela população brasileira, de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015<sup>2</sup>, o rádio permanece sendo uma das principais fontes de informação no país. Considerando a possibilidade de provocar reflexão com o auxílio das técnicas de radioreportagem, “Questão de Ser” foi produzida com o propósito de repensar os estereótipos e termos, geralmente carregados de

---

<sup>2</sup>Dados divulgados pela Secretaria de Comunicação do Governo Federal em 2015, disponíveis em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>.

preconceito, direcionados às pessoas transgêneras, além de alertar sobre as consequências cruéis da discriminação na vida dessas pessoas.

Para isso, todo o processo de produção radiojornalística foi norteado por um breve estudo sobre gênero e sexualidade, fundamental na construção de um texto que respeitasse a diversidade e os direitos LGBT. Como se trata de um tema sensível, a técnica do diálogo foi utilizada nas entrevistas, buscando depoimentos que pudessem legitimar e dar reconhecimento público às temáticas abordadas pela reportagem. Em “Manual de Radiojornalismo: produção, ética e internet”, Barbeiro e Lima defendem que:

“A liberdade de expressão e de imprensa são inadmissíveis sem o amplo respeito aos direitos humanos. Estes garantem a integridade do jornalista e de todas as pessoas que querem expor livremente suas ideias sem qualquer temor, opressão, ameaça ou atentado contra a vida. O jornalismo tem o compromisso de manter a universalidade dos direitos humanos, independente da condição social, econômica ou mesmo criminal das pessoas.” (BARBEIRO; LIMA, 2003, p. 87)

Tendo sempre em vista o respeito aos direitos humanos, buscamos expor o mínimo possível a intimidade da personagem Ana Giselle, dando ênfase ao seu histórico de lutas e à forma como ela lida com o preconceito. É muito comum, em reportagens que retratam a transgeneridade, enfatizar as mudanças físicas. Mas, na avaliação da equipe, os aspectos visuais, considerando o objetivo da reportagem, seriam coadjuvantes diante da militância de Ana Giselle.

Descrever as mudanças físicas poderia causar, no ouvinte, a sensação de que a história de Ana se resume ao fato de ser uma mulher transgênero. Para evitar uma possível espetacularização do corpo da personagem, selecionamos um depoimento que dimensiona de uma forma breve e clara a luta diária de Ana no enfrentamento à discriminação. Como o rádio é o veículo no qual a voz leva a informação às pessoas, sem imagens, foi preciso recorrer às técnicas de locução para atrair a atenção do ouvinte e conferir credibilidade e confiabilidade àquilo que iria ser dito.

Para se aproximar do ouvinte e convocá-lo a refletir sobre o conteúdo da reportagem, foi elaborado um texto que criasse uma atmosfera de seriedade, pela carga

dramática do assunto abordado, sem perder a simplicidade típica do rádio. Tanto na fala dos personagens quanto na voz dos locutores, é possível compreender com clareza tudo o que é dito, sem apelar para uma linguagem medíocre. Afinal, como explicam Barbeiro e Lima (2003), “Para que a missão de conquistar o ouvinte seja alcançada, o texto deve ser coloquial. O jornalista precisa ter em mente que está contando uma história para alguém, mas sem apelos à linguagem vulgar e, acima de tudo, respeitar as regras do idioma”. (BARBEIRO; LIMA, 2003, p. 72)

## DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A ideia da reportagem especial para rádio “*Questão de Ser*” surgiu a partir de outra, elaborada nos moldes do jornalismo impresso. A pauta, que tinha como proposta problematizar a questão da diversidade de gênero, com o foco na experiência e na vivência de pessoas transgêneras, foi desenvolvida, inicialmente, dentro das atividades da disciplina de Redação Jornalística 2, no primeiro semestre de 2015. Fruto do interesse da equipe em trazer a pauta para outros formatos jornalísticos, nasceu a reportagem pensada para o rádio, desenvolvida para a disciplina de Técnicas de Entrevista e Reportagem II, com a orientação da professora Ana Maria da Conceição Veloso.

Como o intuito, desde o início, foi gerar reflexão sobre a importância de conhecer, ao menos o essencial, das teorias de gênero e sexualidade, o que se buscou foi fornecer ao ouvinte, por meio de uma linguagem clara e simples, informações importantes que revelam a dimensão das dificuldades e do preconceito enfrentado pela população que representa o “T” da sigla LGBT, no Brasil. Isso porque, na avaliação da equipe, grande parte do preconceito tem ligação com a falta de conhecimento sobre a realidade das pessoas que não se identificam com o sexo biológico, ou seja, não se veem nem se expressam de acordo com a normatividade.

Considerando a relevância do tema, não bastava simplesmente explicar do que se trata a transgeneridade, foi preciso passar por pontos importantes como a visão da psicologia moderna e pós-moderna com relação às diversas identidades de gênero, que não necessariamente seguem o binarismo sexual homem-mulher ainda imposto de maneira tão forte na sociedade. No depoimento do psicólogo e pesquisador do Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Felipe Rios, pôde-se trazer a discussão sobre a patologização da transexualidade, que se arrasta há

muitos anos presa a um conceito cissexista. Com uma visão voltada para o reconhecimento da diversidade, Rios defende que a transexualidade ou travestilidade não é doença.

Para esclarecer a diferença entre as pessoas cisgênero e transgênero, entrevistamos a professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco Soraya Barreto, que tem pesquisas relacionadas a gênero, masculinidades e comunicação. Na reportagem, ela explica algumas características básicas que dizem respeito às diferentes formas de se relacionar com o próprio corpo e de se identificar, a partir do sexo biológico. Cisgênero é o termo usado para tratar de pessoas que se identificam com o sexo de nascença, já o termo transgênero se refere àquelas que não se identificam de maneira normativa. Apesar de estes serem conceitos bastante simples, muitas pessoas sequer têm conhecimento deles. Por isso, foi importante trazê-los na reportagem de forma leve e descomplicada.

Após esta parte mais didática, contemplamos um assunto de grande relevância com o intuito de provocar reflexão: os números assustadores da violência praticada contra as pessoas trans, no Brasil. Frequente consequência da transfobia – sentimentos negativos em relação às pessoas transexuais, travestis e transgênero, este tipo de crime é bastante comum no país e está muito associado à marginalização social e à situação de vulnerabilidade dessas pessoas. Por causa do preconceito, as oportunidades são muito poucas desde cedo. Na infância e adolescência, a rejeição pode começar dentro de casa, na escola, na religião. Quando chegam à vida adulta, as pessoas trans são forçadas a lidar com o desrespeito e a falta de oportunidades no mercado de trabalho.

Violência, medo, rejeição, preconceito e falta de oportunidade. Ao longo dos anos, todos esses fatores, e mais tantos outros que tornam a rotina das pessoas trans uma luta constante, despertaram a necessidade da militância e do enfrentamento da discriminação. Em “Questão de Ser”, a jovem Ana Giselle, que resolveu readequar seu corpo à sua identidade de gênero aos 18 anos, nos ajudou a retratar os desafios pelos quais ela passa, diariamente, pelo simples fato de não seguir a normatividade e todos os padrões impostos por uma sociedade machista, cissexista e conservadora. A partir do relato de Ana, pudemos abordar a questão da militância e do enfrentamento ao preconceito.

Por fim, entramos em outro ponto importante, que diz respeito à luta dos que buscam a transformação da sociedade por meio do reconhecimento dos direitos LGBT. Nas últimas décadas, o Brasil tem avançado em relação à legitimidade desses direitos. Entretanto, ainda existem direitos básicos aos quais transexuais e travestis não têm acesso

no seu cotidiano. O acesso à saúde e a inclusão no mercado de trabalho fazem parte das lutas. Para mudar o nome social, por exemplo, é exigido um laudo psiquiátrico no qual um médico atesta que a pessoa sofre de “transexualismo”, termo que ainda faz parte do Catálogo Internacional de Doenças. Tendo isso em vista, ainda há muitas conquistas pela frente. Com o objetivo de mostrar a difícil realidade enfrentada pelas pessoas trans, no Brasil, a reportagem precisou tocar em todos esses pontos.

## CONSIDERAÇÕES

Pôr em prática os valores éticos do jornalismo, aprendidos na sala de aula, pautando questões sensíveis à sociedade foi significativo para nossa formação. Pautar discussões tão pertinentes como reflexões sobre as sexualidade e gênero requereu um intenso estudo para a produção de sentidos, a fim de que toda a estrutura da reportagem respeitasse o tema e toda sua complexidade. “Questão de Ser” nasceu com a falta de ação da grande mídia para desconstruir e conscientizar a sociedade sobre o contexto contemporâneo que não condiz com o preconceito.

A transexualidade é uma realidade da condição humana, tão normal e válida como a heterossexualidade e a homossexualidade. A prática jornalística deve, acima de tudo, representar a sociedade e construir com ela, formas democráticas e justas de participação social. Cumprindo nosso papel como agentes de notícia, construímos o produto com a missão de sensibilizar e informar os ouvintes sobre o tema transexualidade, desmistificando e construindo novos saberes. A reportagem foi pensada como um aporte midiático para o combate à transfobia e todas as formas de violência cometidas contra a diversidade e realizada com muito entusiasmo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- TORRÃO, Amílcar. **Uma questão de gênero**: onde o masculino e o feminino se cruzam. In: *Cadernos Pagu* (24), 2005. pp 127-152.
- MODESTO, Edith. **Transgeneridade**: um complexo desafio. São Paulo, 2013.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- LOURO, Guacira. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual do radiojornalismo**: produção, ética e internet. 2ª edição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.